

Um romance infamiliar (atos dos apóstolos)

*Yvisson Gomes dos Santos***

Tem experiência na área da Filosofia e Educação, bem como na área da Psicanálise.



<https://orcid.org/0000-0002-8798-123X>

Recebido em 15 mai. 2025. **Aprovado** em: 28 ago. 2026.

Como citar este artigo:

SANTOS, Yvisson Gomes dos. Um romance infamiliar (atos dos apóstolos). *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 15, n. 1, e-6507, set. 2026. DOI: 10.5281/zenodo.22700146.

Sobre o racismo (primeiro ato)

A morena que há um dia atrás me trouxe a canja preferida, acabou de morrer por idolatria à subserviência de ser apenas quem ela era, apenas por existir. O jornal, no obituário, pontuou sê-la de bons hábitos e mãos sempre asseadas. A missa de sétimo dia não haverá, por motivo dos seus senhores viajarem à fazenda da família em Santo Antônio. Quanto a mim, restou o paladar do frango, das cenouras, do repolho, de uma folha de louro, umas pitadas de sal e de uma colher de chá de açafrão. Não posso negar: era uma morena esperta e criativa, porém subserviente – escritura de uma época.

Sobre o vírus (segundo ato)

Cazuza, o Caju.

Renato Russo, o ápice do pomo de Adão.

Vozes viscerais: agudas e grossas, respectivamente.

**



yvissongomes@hotmail.com

Todos eles se foram pelo vírus da morte, restou um anfíbio que cantarola na poça de água próxima à minha casa, vulgo sapo cururu.

Ouçõ os três, em tempos distintos, para saber se consigo traduzir a voz aguda e a do coaxar através da plataforma Spotify.

Isso tudo em meu sacrossanto lar.

Sobre um bordel (terceiro ato)

Fui levado ao bordel, nada demais: mulheres, bebidas, cigarros, sexo e um escuro avermelhado em todo o ambiente. Quanto à música, tudo nos conformes: Ângela Ro Ro e Agnaldo Timóteo – um suplício exitoso.

Sobre casamento (quarto ato)

Sílvia se casou primeiro. Vestido branco com pedras de ametista. Eu fui o segundo, terno turquesa e meu marido com um terno cinza listrado. Houve ramalhete aos convidados. Porém de forma diferente, falo do meu casamento. Esses convidados receberam, um por um, cada rosa do buquê.

Sobre estrelas (quinto ato)

Estrelas parecem insetos que brilham nas noites escuras do sertão. Olho-as, em muitas, mexo os olhos rapidinhos para não perder de vista o manto celestial e um possível cometa. Aqui chamamos de estrela cadente. Na cidade litorânea, longe dos pirilampos e dos mandacarus, apenas as três Marias, o planeta Vênus e a lua minguante explodindo seu olhar tristonho à beira-mar.

Sobre família (sexto ato)

A canção de ninar aquieta o meninote. A mãe faz isso com a batuta do assobio do esposo, e as duas crianças, ao dormirem, respiram aliviadas na presença da mãe e do pai. Menos um dia sem eles: elas, as crianças, rezam em seus sonhos infantis, “menos um dia”. Já o meninote, o terceiro das criançadas, escreve baixinho para não incomodar os sonhos dos seus irmãos gêmeos. Ele já passou por isso quando usava fraldas. Faz tempo. Por isso, tem respeito por seus irmãos. Nunca ousaria perfurar o mundo onírico de paz com o despertar medonho das paternidades presentes.

Infelizmente, todos sob o jugo do Lar Doce Lar.

Sobre a morte (último ato)

A morte tem coisas estranhas. Primeiro, nunca morri. Segundo, morrerei e não conseguirei chegar ao fim desse texto – estranheza. De sorte, cheguei, meio desperto de mim mesmo, a saber: caduco de tantas palavras dialogáveis.